



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

LUCAS BATISTA ARAÚJO

**A PRODUÇÃO INDEPENDENTE NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA
ANÁLISE DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO DA RÚSSIA**

**CAMPINA GRANDE
2018**

LUCAS BATISTA ARAÚJO

**A PRODUÇÃO INDEPENDENTE NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA
ANÁLISE DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO DA RÚSSIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Jornalismo da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo
Esportivo

Orientador: Prof. Me. Alan Soares
Bezerra

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663p Araújo, Lucas Batista.

A produção independente no jornalismo esportivo [manuscrito] : uma análise da cobertura da copa do mundo da Rússia / Lucas Batista Araujo. - 2018.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Alan Soares Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Jornalismo independente. 2. Copa do mundo. 3. Jornalismo esportivo. 4. Mídia. I. Título

21. ed. CDD 070.4

LUCAS BATISTA ARAÚJO

**A PRODUÇÃO INDEPENDENTE NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA
ANÁLISE DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO DA RÚSSIA**

Artigo apresentada ao Programa de
Graduação em Jornalismo da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Jornalismo.

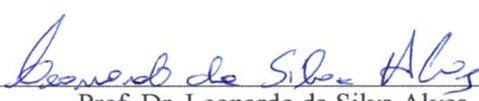
Área de concentração: Jornalismo
Esportivo

Aprovada em: 07/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Alan Soares Bezerra (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Leonardo da Silva Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Silvana Torquato Fernandes Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. JORNALISMO ESPORTIVO.....	5
2.1 O Preconceito enfrentado pelo Jornalismo Esportivo	7
2.2 Evolução na produção de conteúdo do Jornalismo Esportivo	8
2.3 Muito além do Futebol	11
2.4 Os primeiros passos de uma Nova Era	11
2.5 A Chegada de uma Nova Era	12
3. COBERTURA DA IMPRENSA NAS COPAS DO MUNDO	13
4. JORNALISMO INDEPENDENTE NA COPA DO MUNDO DA RÚSSIA	20
4.1 Os números do Jornalismo Independente na Copa da Rússia	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24

A PRODUÇÃO INDEPENDENTE NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA COPA DO MUNDO DA RÚSSIA

Lucas Batista Araújo¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar o Jornalismo Independente na cobertura da Copa do Mundo FIFA Rússia 2018, através do trabalho exercido por dois jornalistas que foram ao país sede sem vínculo empregatício com alguma empresa. Além disso, apresentar um contexto histórico das coberturas das outras Copas do Mundo e da evolução dos jornais, rádios e emissoras de televisão durante as edições da competição. O jornalista Pedro Canísio, que cobriu a Copa de forma independente, foi entrevistado durante a produção deste artigo. Alguns dados foram levantados através de livros esportivos e de jornalismo que tratam de coberturas independentes. O trabalho também aborda a mudança ocorrida no Jornalismo Esportivo brasileiro desde o início do século XX.

Palavras-Chave: Jornalismo Independente. Copa do Mundo. Jornalismo Esportivo.

1. INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do Mundo, praticado por milhões de pessoas e que leva os fãs que o acompanham e torcem para um determinado clube ao clímax da felicidade ou tristeza, além da raiva, em uma partida de futebol. Dentre todas as competições importantes deste esporte, uma se destaca: A Copa do Mundo de Futebol.

Disputada a cada quatro anos, o torneio reúne as 32 melhores seleções do Mundo que ganham o direito de disputar a competição após intensas eliminatórias continentais realizadas em boa parte dos quatro anos que separam uma Copa de outra. O Brasil, conhecido no Mundo todo como o país do futebol, participou de todas as 21 edições do Mundial e é o maior vencedor, com cinco conquistas (1952, 1962, 1970, 1994 e 2002).

Graças a isso, a importância do futebol e da Copa do Mundo para os brasileiros é exacerbada. Pensando nessa importância, o artigo em questão buscou mostrar o surgimento do jornalismo esportivo no Brasil, a evolução conquistada com o passar dos anos, a cobertura da imprensa brasileira nas Copas do Mundo. O trabalho também focou no trabalho exercido por jornalistas independentes na Copa do Mundo de 2018, que foi disputada na Rússia.

¹ Aluno de Graduação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: lbatista2510@gmail.com

Na primeira sessão falamos sobre o surgimento do jornalismo esportivo no Brasil e seus primeiros anos, além da evolução do conteúdo nas coberturas esportivas do país com o passar dos anos. No fim, mostramos como o jornalismo esportivo começou a abordar os outros esportes.

Já na segunda parte, o artigo mostra como os jornalistas esportivos brasileiros cobriam as primeiras Copas do Mundo e evolução até os dias atuais. A segunda sessão do artigo ainda traz alguns exemplos de jornalismo independente que não estão ligados ao futebol.

Por fim, na terceira e última sessão, o foco é na cobertura independente de dois jornalistas na Copa do Mundo da Rússia. Pedro Canísio explicou sobre sua experiência com Michele Wadja no Mundial deste ano.

Através da entrevista de 30 minutos que foi feita com o jornalista Pedro Canísio, através de uma chamada de vídeo pelo telefone, levantamos dados e informações sobre a cobertura independente, como é feita, dificuldades, desafios e, claro, benefícios. Além da entrevista, alguns livros de jornalismo esportivo e jornalismo independentes foram lidos e tomados como base para a construção do texto. O trabalho foi produzido em aproximadamente três meses.

O artigo busca mostrar o quão importante é o jornalismo esportivo na história do futebol e como as tecnologias mudaram a cobertura do maior campeonato de futebol do Mundo, facilitando a cobertura independente de jornalistas que não estão ligados as grandes empresas.

2. JORNALISMO ESPORTIVO

A história do jornalismo esportivo no Brasil se confunde com a história do futebol no país com mais títulos mundiais na categoria. No ano de 1894, o paulista Charles Miller trouxe da Inglaterra um objeto circular curioso que despertou o interesse da sociedade na época, era a primeira bola de futebol a tocar o solo brasileiro. Além do principal objeto para a prática deste novo esporte, Charles ainda trouxe consigo uniformes e um conjunto de regras. A maneira simples de praticar futebol foi um dos motivos que fez o interesse pelo esporte despertar tão rápido.

Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou

menos plano do tamanho exigido... tornou-se genuinamente universal. (HOBSBAWN, 1995, p. 177)

Nos primeiros anos do futebol no Brasil o esporte mais popular no país era o remo, inclusive clubes como o Club de Regatas Vasco da Gama, Clube de Regatas do Flamengo e o Botafogo de Futebol e Regatas, surgiram desse esporte. Com isso, no início do século XIX, ninguém poderia imaginar que um dia o futebol iria ocupar um grande espaço nos jornais, tendo em vista que nem o remo conseguia tal feito.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. (COELHO, 2013, p. 7)

Paulo Vinicius Coelho (2013), em seu livro *Jornalismo Esportivo*, faz questão de salientar que o preconceito contra o jornalismo esportivo vem desde os primórdios, quando não se acreditava no sucesso do futebol, esporte que um dia (não muito distante) iria se tornar o carro-chefe deste tipo de jornalismo no Brasil.

Em pouco tempo o futebol começou a se tornar na grande paixão do povo brasileiro, vários clubes de futebol começaram a surgir no início do século passado e o esporte foi se popularizando cada vez mais. Porém, os negros e pobres, em sua grande maioria, ainda não tinham tido acesso ao futebol. Isso começou a mudar em 1923, quando o Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, resolveu colocar em campos atletas negros.

Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam em tirá-lo da disputa alegando que o clube de portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a primeira divisão. Os portugueses construíram o estádio de São Januário e nunca mais saíram das divisões de elite do futebol do país. (COELHO, 2013, p. 9)

Com a inserção dos negros no esporte, agora o futebol estava de fato se tornando um esporte popular, logo o espaço nos jornais da época começaria a aumentar gradativamente. Antes mesmo da quebra de preconceito protagonizada pelo Vasco da Gama, o jornal *Fanfulla*², da cidade de São Paulo, já trazia algumas páginas dedicadas ao esporte. Vale salientar que não era um periódico voltado para a elite paulistana. Em uma das edições da *Fanfulla* existia um anúncio que chamava os leitores (em sua grande

² Jornal da comunidade italiana que vivia em São Paulo. Foi fundado em 1893.

maioria italianos), a criarem um clube de futebol. Graças ao anúncio, nasceu no ano de 1914 o Palestra Itália, que décadas depois mudaria seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, hoje um dos clubes de futebol mais populares do Brasil.

A *Fanfulla* levava aos seus leitores páginas inteiras sobre o futebol, mesmo na época em que o esporte em questão não chamava tanta atenção do público. O periódico também trazia fichas de todas as partidas de futebol dos clubes dos italianos, de segundos quadros até times de aspirantes. Coelho (2013), diz que isso ainda não podia ser chamado de jornalismo esportivo, mas se não fosse a *Fanfulla* ninguém saberia qual teria sido o primeiro jogo do Palmeiras.

2.1 O Preconceito enfrentado pelo Jornalismo Esportivo

Como já foi citado neste artigo, o futebol sofreu muitas retaliações nos seus primeiros anos no Brasil, o que aconteceu também com o jornalismo esportivo. Coelho (2013), diz ainda que sempre existiu alguém disposto a cortar uma ou duas linhas do caderno de esportes, inclusive nos dias atuais.

Pulando um pouco para o fim da década de 1960, quando um corajoso criou a primeira revista voltada exclusivamente para o futebol. O técnico de futebol, escritor e jornalista João Saldanha disse que essa ideia jamais sairia das primeiras edições. A revista *Placar*, 48 anos depois de sua fundação, é uma das mais importantes revistas esportivas do Mundo.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores deste tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. (COELHO, 2013, p. 9)

Nos primeiros anos do jornalismo esportivo no Brasil vários periódicos do segmento surgiram e faliram anos depois, o que trazia uma certa preocupação aos investidores e, claro, aos jornalistas que cobriam esporte. Um dos grandes exemplos foi a carioca *Revista do Esporte*, que viveu sua melhor fase entre as décadas de 50 e 60, quando o futebol era um sucesso absoluto no país, muito por conta dos dois títulos Mundiais conquistados pela Seleção Brasileira de Futebol, em 1958 e 1962. Mesmo com o seu carro-chefe (futebol) vivendo anos de ouro, a revista não resistiu aos problemas e fechou as portas.

Nos dias atuais os jornalistas esportivos ainda sofrem bastante preconceito nas redações dos jornais brasileiros. Para muitos, é inadmissível que um resultado de alguma

partida de futebol ou de qualquer outro esporte possa estampar as capas dos jornais. Assunto menor.

2.2 Evolução na produção de conteúdo do Jornalismo Esportivo

Os registros mais antigos de algo parecido com o jornalismo esportivo vem de São Paulo, mais especificamente do periódico *Fanfulla*, um jornal fundado em 1893 e que é voltado para os imigrantes italianos que povoaram a capital paulista. Na *Fanfulla* os jornalistas da época traziam, em páginas inteiras, informações desportivas. Este periódico levava aos leitores fichas de todos os jogos dos clubes italianos.

Logo em seus primeiros anos, o futebol no Brasil era um esporte exclusivo para a classe rica e para os brancos. Após a quebra destes estereótipos no futebol brasileiro orquestrada pelo Vasco da Gama, primeiro clube brasileiro a utilizar jogadores negros no país, surgiu no Rio de Janeiro, em 1931, o *Jornal dos Sports*. Foi o primeiro periódico brasileiro totalmente voltado ao esporte.

A rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí. (COELHO, 2013, p. 9)

Vários jornais/revistas exclusivamente esportivos surgiram e sumiram no Brasil nos anos seguintes. Porém, na década de 1960, a história do jornalismo esportivo no país começa a mudar. Em São Paulo surgiu o *Caderno de Esportes*, que logo depois se tornou o *Jornal da Tarde*. Mesmo com uma evolução eminente em curso, este segmento do jornalismo ainda enfrentava bastantes dificuldades. Se algo precisasse ser cortado no jornal, sem dúvidas iria sobrar para o esportivo.

Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade. (COELHO, 2013, p. 10)

Uma das grandes mudanças do jornalismo esportivo no país começou, de fato, nos anos 60. Os jornalistas da época começaram a romantizar o esporte em seus textos. Antes as informações se resumiam ao que tinha acontecido dentro de campo, como o placar, quem fez os gols, se alguém foi expulso ou se teve confusão entre jogadores ou até mesmo entre os torcedores.

Os jornalistas Nelson Rodrigues e Mário Filho, que é patrono do maior estádio do Brasil, o Maracanã, deixaram a cobertura esportiva um pouco mais leve e romântica.

Alguns clássicos começaram a receber denominações. Como o Fla-Flu³, Clássico Vovô⁴ e o Clássico dos Milhões⁵.

Graças a esse período bastante importante do jornalismo esportivo, o futebol começou a ter heróis, pois ali estava começando, de fato, a idolatria pelos atletas que se destacavam durante os jogos. Coelho (2013), diz que “a dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses” (COELHO, 2013, p. 17-18).

Essa mudança na cobertura esportiva foi tão importante que mudou a história deste esporte no Brasil. Graças a Nelson Rodrigues que Edson Arantes do Nascimento, Pelé, é reconhecido até hoje como o rei do futebol. Isso comprova que os atletas foram transformados em mitos, graças às crônicas romantizadas da época. Em um trecho de uma de suas crônicas, publicada na Manchete Esportiva em 1958, Nelson Rodrigues diz que:

O meu personagem anda em campo como uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-a um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento (BRAZILIENSE, 2018)

As crônicas escritas por cronistas dos anos 60 mudaram a realidade do futebol brasileiro. As pessoas começaram a comprar mais jornais e a frequência nos estádios aumentou, muito por conta dos textos publicados por jornalistas como Nelson e Mário. Graças ao aumento da procura por textos esportivos nos periódicos, nos anos 70 o jornalismo esportivo começou a ganhar mais espaço nos jornais.

No dia 20 de março de 1970 é criada no Brasil a *Placar*, uma revista exclusivamente esportiva. A história do jornalismo esportivo no país começaria a mudar de uma maneira drástica. Mas João Saldanha⁶ discordava disso. Segundo Coelho (2013), João chegou a afirmar que a *Placar* não sairia das primeiras edições. A revista em questão,

³ Confronto entre Flamengo e Fluminense.

⁴ Partida disputada entre Botafogo e Fluminense. São denominados assim pois são os dois clubes de futebol mais antigos do Rio de Janeiro.

⁵ Como Flamengo e Vasco possuem a maior torcida do Rio de Janeiro, o clássico entre eles é chamado assim.

⁶ Jornalista, político, escritor e treinador de futebol. Treinou a Seleção Brasileira durante as Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970.

que nos dias atuais publica edições mensalmente, completou 48 anos de fundação este ano e funciona de maneira ininterrupta.

Nelson Rodrigues que, vale salientar, era míope, não levava ao público a verdade concreta do que se via nos estádios de futebol. Os textos chamavam a atenção do público, mas não tinham compromisso com a veracidade dos fatos. Os leitores não se importavam. Nelson escrevia o que eles queriam ler.

Mas, essa história começou a mudar nos anos 70. Os jornalistas passaram a ter um compromisso mais a fundo com a verdade e os textos não eram tão românticos. Os jogadores não eram tão idolatrados quanto a década passada, mas esse costume não foi extinto, apenas diminuindo.

Com o surgimento da *Placar*, os textos jornalísticos perderam a dramaticidade de outrora e começaram a trazer o que de fato acontecia dentro do espaço de disputa. Não apenas os resultados como nas primeiras décadas do jornalismo esportivo, outras questões eram abordadas, como o comportamento da torcida e dos jogadores.

Nos anos 80 as partidas do Campeonato Brasileiro de Futebol começaram a ser transmitidas ao vivo para todo o Brasil. Mais uma mudança na cobertura esportiva brasileira aconteceu por causa disso. As reportagens começaram a ganhar um espaço dentro do jornalismo esportivo, cujo espaço se mantém até os dias de hoje.

Graças às transmissões ao vivo, perdeu-se de vez espaço de criar algo para elevar a dramaticidade do esporte, pois o público estava assistindo em tempo real o que estava acontecendo dentro do campo. Nada mais que a verdade seria aceita. A partir daí, o exagero e o encanto bastante utilizado entre os anos 50 e 60, perderam o espaço.

Os clubes começaram a investir cada vez mais. Agora suas marcas estavam expostas nas televisões do Brasil. Com isso, começaram a surgir os primeiros patrocinadores, aumentando as receitas dos times de futebol. A profissionalização acabara de chegar, enfim, ao futebol brasileiro. O que restou a imprensa? Se profissionalizar também.

Com a TV como grande concorrente, as Rádios e os Jornais Impressos precisavam criar algo para se destacarem. Restou aos profissionais destes dois segmentos trazer ao público algo que os jornalistas televisivos não mostravam. Já às emissoras de televisão, um investimento maior em equipamentos, como câmeras melhores e em maior quantidade, satélites, microfones mais modernos, para que assim a imagem e o som fossem levados ao público de uma maneira mais sofisticada.

2.3 Muito além do Futebol

Até os anos 70 a cobertura esportiva se resumia única e exclusivamente ao futebol. Graças aos investimentos e ao crescimento da imprensa a partir da década de 80, outros esportes com outros ídolos começaram a ganhar destaque e chamar a atenção do público, como o vôlei, natação, tênis, basquete e até o automobilismo, com a Fórmula 1⁷.

Com o surgimento de outros esportes na mídia, outra grande mudança no meio jornalístico esportivo começava. O jornalista precisava se especializar. Cada um escolhia um esporte ao qual se identificava mais, estudava mais a fundo sobre o mesmo e, após isso, iria cobri-lo, aumentando assim a qualidade nas transmissões e produções de matérias sobre o determinado esporte.

Quem faz automobilismo tem bom nível de especialização. As corridas foram ótimo aprendizado para jornalistas, especialmente depois dos títulos mundiais de Emerson, Piquet e Senna. O fato de obrigar quem trabalha com o esporte a conhecer coisas específicas – o motor, por exemplo, obriga maior nível de dedicação. (COELHO, 2013, p. 118)

O otimismo foi tão grande à época que revistas especializadas em outros esportes foram criadas, mas, infelizmente, não duraram muito tempo e acabaram anunciando falência, como a revista *Saque*, especializada em vôlei, e as *Lance Livre* e *Superbasquete*, que eram apenas sobre basquete.

Mesmo com o crescimento de diversos esportes o futebol ainda se mantinha soberano para o público brasileiro, a prova disso é o fim precoce desses periódicos citados anteriormente e a *Placar*, que até hoje existe e possui milhares de assinantes ao redor do Brasil. Mas, mesmo sendo o preferido do brasileiro, o futebol não é o único esporte que merece destaque, pois todos os outros possuem torcedores apaixonados e grandes atletas vitoriosos.

2.4 Os primeiros passos de uma Nova Era

Os anos 90 trouxeram uma nova realidade ao público consumidor de esportes no Brasil, era o surgimento dos canais de TV a cabo. Com eles, a criação de canais exclusivos de esporte, marcando assim um início de uma nova era na cobertura esportiva do país.

O dia 11 de novembro de 1991 marcou a história do jornalismo esportivo brasileiro. A Globosat, que pertence a Rede Globo de Televisão, lançou o *TOP SPORTS*,

⁷ Maior campeonato de automobilismo do Mundo.

o primeiro canal de televisão inteiramente esportivo do Brasil. Quatro anos depois o canal mudou de nome, passou a se chamar *SPORTV*, como é até hoje. O jeito dinâmico de falar sobre o esporte conquistou o público, muito por conta também das mesas redondas, onde os comentaristas discutiam sobre as partidas logo após o término delas, o que não se via nos canais de tv aberta. Talvez esse tenha sido o principal motivo do sucesso que o *SPORTV* e outros canais esportivos, como a *ESPN* e a *FOX SPORTS*, conseguiram.

Ainda nos anos 90, mais especificamente no ano de 1995, é lançada a *ESPN BRASIL*, do grupo americano *ESPN*. Mais um canal exclusivamente de esportes para os assinantes das TV's fechadas no Brasil. Um ano depois, em 1996, a Globosat inova e muda, de novo, a história do jornalismo esportivo no país. Era lançado o canal *Premiere*⁸.

O *Premiere* apresentou aos brasileiros o sistema pay-per-view⁹ (paga pra ver). Nos dias atuais são mais de mil jogos transmitidos por ano. Foi, de fato, uma revolução na cobertura esportiva brasileira.

Já no Século XXI, no ano de 2004, a Globo lançou o *SPORTV 2*, provando todo o sucesso alcançado pelo seu primeiro canal de esportes. Três anos depois, em 2007, surge o primeiro canal exclusivamente de esportes da TV brasileira, o *Esporte Interativo*. Com um jeito mais leve e brincalhão de fazer jornalismo, o *EI*, como é carinhosamente chamado, conquistou o público. O canal cresceu rápido e anos depois de sua criação conseguiu os direitos da maior competição de clubes do Mundo, a Liga dos Campeões da Europa.

O *EI* investiu muito para a cobertura desta competição. A empresa começou a enviar equipes para os principais jogos da semana, não apenas na final, como era feito pela *ESPN BRASIL*. Narrador, comentaristas, repórteres de campo, que, muitas vezes, já moravam na cidade e cobriam aquela determinada equipe. Em 2018 o canal anunciou seu fim na tv, mas as transmissões dos jogos começaram a acontecer através de *lives* no *Facebook*, apresentando ao jornalismo esportivo uma nova era.

2.5 A Chegada de uma Nova Era

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que a internet mudou de vez a história das transmissões e coberturas esportivas do Brasil. Todos os programas esportivos da atualidade interagem com o público através das mais diferentes redes sociais. Há, na

⁸ Canal que transmitia e retransmitia jogos do Campeonato Brasileiro.

⁹ Sistema de televisão cujas emissões são codificadas e recebidas exclusivamente por assinantes providos de dispositivos decodificadores, que pagam por cada programa assistido.

atualidade, a participação do público com o programa ou cobertura esportiva que está sendo feita. O público, que anteriormente apenas consumia, agora passa a fazer parte da cobertura.

Em 2018 a *Globo* lançou o *Premiere* exclusivo para a internet. O interessado paga uma taxa mensal e pode assistir toda programação dos canais *Premiere* através do seu computador ou telefone celular. Não é mais preciso estar em casa para acompanhar as coberturas esportivas.

O *Esporte Interativo*, como já foi dito no presente artigo, inovou drasticamente o jeito de se cobrir esportes no Brasil. Em 2018 o canal passou a transmitir a Liga dos Campeões da Europa através de uma *live* no *Facebook*. Ou seja, para assistir a maior competição de clubes do Mundo, é preciso apenas ter internet e uma conta na rede social em questão. Sem custos adicionais. É grátis assistir o campeonato europeu.

Graças ao advento da tecnologia, as transmissões começaram a se tornar possíveis apenas com um celular e uma internet. Isso incentivou alguns jornalistas a adentrarem no jornalismo independente¹⁰, mudando de vez a história das coberturas esportivas. Os jornalistas independentes entraram em cena.

3. COBERTURA DA IMPRENSA NAS COPAS DO MUNDO

A imprensa sempre esteve presente nos principais eventos esportivos do Mundo, como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos de Verão. As Olimpíadas são um evento multiesportivo global realizado a cada quatro anos. A primeira edição da era moderna dos Jogos aconteceu ainda no século XIX, no longínquo ano de 1896, em Atenas, na Grécia. Mas, a história destes jogos é um pouco mais antiga:

As Olimpíadas originaram-se por volta do século VIII a.C., no contexto da antiga Hélade, isto é, o conjunto das cidades-estado da Grécia Clássica. A realização dos jogos ocorria na cidade de **Olímpia** – por isso o nome “Olimpíadas” –, para onde os cidadãos das outras cidades peregrinavam a fim de participarem das competições. O primeiro atleta a vencer uma prova em Olímpia teria sido **Corobeu**, em 776 a.C. – a prova era de corrida. (FERNANDES, 2018)

¹⁰ Tipo de jornalismo produzido por jornalistas que não estão ligadas a nenhuma empresa de comunicação.

Não existe uma data que marca com exatidão a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, mas o mais antigo registro data no ano de 776 a.C, e deste ano em diante todos os campeões olímpicos da era antiga foram registrados nos anais históricos.

Os antigos Jogos Olímpicos se estenderam por séculos, mas um dia chegou ao fim. Também não existe uma data exata da última edição das Olimpíadas, algumas fontes acreditam que foi no ano de 396 d.C., outras que foi em 426 d.C.

No ano de 1896 os Jogos Olímpicos renasciam, agora chamados de Jogos Olímpicos da Era Moderna, e a primeira edição aconteceu em Atenas, na Grécia. Até agora, 31 edições aconteceram e a última foi no Rio de Janeiro, primeira cidade da América Latina a sediar as Olimpíadas.

Na gênese histórica do mundo contemporâneo, é interessante notar o surgimento quase concomitante do esporte moderno e dos meios de comunicação de massa, em fins do século XIX. Por exemplo, a primeira Olimpíada da era Moderna (1896) foi realizada no ano seguinte à primeira sessão pública de cinema (1895); a Copa do Mundo de 1938 ensejou a primeira transmissão de rádio intercontinental, enquanto a Copa de 1998 foi também a ocasião da primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV) (GASTALDO, 2004, p. 2)

Outro grande megaevento mundial é a Copa do Mundo de Futebol da Fifa. Realizada desde 1930 e a cada quatro anos, a competição reúne as melhores seleções nacionais do Mundo e aponta, ao término dos jogos, o mais novo campeão mundial de futebol. As Olimpíadas e a Copa do Mundo estão interligadas com o processo de midiaticização mundial.

Na época em que o Brasil estava se mobilizando para a Copa do Mundo de 1930, os jornais do Rio – onde ficava a CBD – diziam que os cariocas deveriam ser maioria na seleção. Em São Paulo, havia a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) e uma imprensa pedindo mais paulistas na equipe. (RIBAS, 2018, p. 9)

Na primeira Copa do Mundo os torcedores precisavam aguardar as manchetes dos jornais para os resultados dos jogos. Um desses jornais era o Jornal O Globo, que participou de forma extremamente ativa da cobertura das primeiras Copas do Mundo. Na edição do dia 14 de julho de 1930, o periódico trouxe em sua capa o início do caminho traçado pela Seleção Brasileira de Futebol no primeiro Campeonato Mundial. A imprensa não estava tão otimista, muito por conta dos problemas entre paulistas e cariocas.

Desse modo, tendo um momento histórico marcado por indefinições relacionadas ao futebol e ao seu desenvolvimento no Brasil, na cena midiática da época, os discursos eram materializados nos principais jornais. Assim, “O Globo” traz um enunciado em que duas palavras chamam atenção, “selecionado” e “lança”, os termos sinalizam uma construção de sentido voltado para a hostilidade, aventura e amadorismo. (BESSA, 2018, p. 74)

Figura 1: Capa do Jornal “O Globo” 14/07/1930



Fonte: Acervo do O Globo

Quatro anos depois, em 1934, foi a vez da Itália sediar a Copa do Mundo. Novamente o jornal “O Globo” destacou a participação brasileira no segundo Campeonato Mundial de Futebol. Diferentemente de 1930, os jornais brasileiros apresentavam um pouco mais de otimismo para o desempenho da seleção nacional.

Figura 2: Capa do Jornal “O Globo” 17/05/1934



Fonte: Acervo do O Globo

O jornal “O Globo” de 17 de maio de 1934 quis frisar a participação do Brasil na Copa do Mundo de 1934. Isso fica claro com o título “O Brasil no Campeonato Mundial de Football”. A participação da seleção nacional em um torneio internacional na Europa dava uma certa notoriedade para a nação.

Bessa (2018), afirma que esse enunciado foi estratégia discursiva do jornal, assim um efeito de sentido de oficialização do futebol brasileiro num campeonato internacional. Mesmo diante de problemas como amadorismo, questões políticas entre os polos esportivos SP e Rio, a Seleção mais uma vez estava num mundial de futebol.

Na última Copa do Mundo antes da Segunda Guerra Mundial, o brasileiro pôde acompanhar pela primeira vez as transmissões de jogos pela rádio e, dias depois, assistir os melhores momentos da partida em um cinema. O Brasil se fez novamente presente na Copa de 38 (é a única seleção do Mundo a participar de todos os campeonatos mundiais de futebol). O jornal “O Globo” voltou a dar destaque ao futebol da seleção em terras francesas, onde era disputado o torneio. Na terceira edição da Copa o discurso do jornal começava a ter uma determinada mudança. O brasileiro estava começando a se apaixonar pelo futebol.

Na materialidade é possível observar como os discursos sobre o futebol brasileiro estão na base da construção da identidade nacional, tendo em vista que o enunciado “não se deve mudar o padrão nacional” mostra como o brasileiro se sentia representado pelo futebol nacional e começava a se consolidar a paixão nacional pela Seleção. Há uma construção de sentido no enunciado do jornal que se volta para a identificação nacional com um time, nesse caso com a Seleção, que foi ao mundial. (BESSA, 2018, p. 82-83)

Helal e Cabo (2014) afirmam que na Copa de 38 “foi sendo construído o ideal de um estilo brasileiro baseado na habilidade, na criatividade, na improvisação, no drible, enfim, em tudo que até hoje se admira e reivindica como estilo nacional” (HELAL; CABO, 2014, p. 47).

As Copas do Mundo de 1942 e 1946 não aconteceram por conta da Segunda Guerra Mundial. A FIFA queria voltar com a competição em 1950, mas a Europa ainda não tinha condições de sediar um torneio deste porte, por conta da guerra. A Copa do Mundo voltava para a América do Sul. O Brasil, país que um dia seria o maior campeão mundial, sediava pela primeira vez a Copa.

Diante desse novo panorama, a nação brasileira passou também por um momento de afirmação, de credibilidade, de acreditar no país. Uma Copa do Mundo em casa era uma maneira de se tornar conhecido, pois o foco estaria no país, por pelo menos vinte e cinco dias.

Figura 3: Capa do Jornal “O Globo” 17/07/1950



Fonte: Acervo do O Globo

Mesmo com toda a expectativa gerada e a festa nas ruas, não foi desta vez que o futebol brasileiro conquistaria o Mundo. Após a trágica derrota na final por 2x1 para o Uruguai, o clima era de bastante tristeza e decepção na mídia brasileira.

Perder o título Mundial em 1950 foi um trauma que até hoje não é esquecido pelos brasileiros, mas chegar à final de uma Copa mudou o status do futebol brasileiro. A seleção nacional passou a ser mais respeitada fora do Brasil e os brasileiros e a imprensa

local começavam a acreditar que mais cedo ou mais tarde o sonho de ser campeão mundial de futebol seria realizado.

Os primeiros televisores começaram a chegar no Brasil no início dos anos 50. Entre 1954 e 1966, a transmissão dos jogos na TV era acompanhada de narração no estilo radiofônico. Os canais mostravam uma imagem da seleção brasileiro, enquanto o locutor narrava a partida.

Em 1954, na Suíça, o Brasil chegava como um dos favoritos. A imprensa brasileira trata a seleção como uma favorita à conquista. Mas a espera ainda seria prolongada por mais quatro anos. Nada mais que isso.

Os discursos já eram diferenciados com relação ao futebol brasileiro, havia confiança no time que representaria o Brasil nos gramados suíços, país sede da quinta Copa do Mundo. Essa é a nova ordem discursiva apresentada, inclusive, pelo jornal “O Globo” de 16 de junho de 1954, no primeiro jogo da Seleção no campeonato. (BESSA, 2018, p. 90)

Figura 4: Jornal “O Globo” 16/06/1954



Fonte: Acervo do O Globo

“O Globo” ainda destaca a importância do rádio naquela época para as transmissões de futebol. Como a TV ainda estava dando os primeiros passos e nem se imaginava que um dia transmitiria futebol, as pessoas acompanhavam a Copa do Mundo através das rádios.

No dia 30 de junho de 1958 o jornal “O Globo” estampava em sua capa a conquista do tão sonhado título mundial da Seleção Brasileira. O Brasil era, enfim, campeão do

Mundo. A euforia que estava exposta no jornal representava a alegria do povo brasileiro após o feito histórico. O jornal conseguiu levar ao público a importância surreal do que havia acontecido, quando colocou, também na capa, a promessa feita pelo então Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

Figura 5: Jornal “O Globo” 30/06/1958



Fonte: Acervo do O Globo

O futebol já começava a ter uma importância que ia além do esporte, chegando a influenciar também em outros segmentos da sociedade, como a política. A vitória na Suécia não era apenas do esporte, mas do país como um todo. A confiança e a esperança chegavam em meio a dias não tão bons. A imprensa sabia disso.

Era um momento de instabilidade política no país. Em 1960, haveriam eleições presidenciais e, o até então presidente Juscelino Kubitschek, tinha no esporte, e mais especificamente no futebol, uma de suas armas para alavancar o Brasil no cenário político-mundial. Considerando essa realidade, os enunciados trazidos pelo jornal discursivizam o momento político de desenvolvimento nacional, pelo que ficou conhecido como “anos dourados” e o começo de uma nova ordem política de desenvolvimento do futebol, com um lema de crescer “cinquenta anos em cinco.” (BESSA, 2018, p. 93)

Em 1962, no Chile, o Brasil se consagrou Bicampeão Mundial de Futebol. Nos meses que antecediam o Mundial a confiança da imprensa e do povo brasileiro estava nas alturas. A seleção brasileira era, de longe, a melhor do Mundo. Ao que parecia, as partidas seriam mera burocracia, o final todos já sabiam. E se confirmou.

Bessa (2018), disse que “Depois do título mundial de 1958, os discursos sobre o futebol brasileiro eram outros, se consolidava a ideia de “pátria de chuteiras”, cunhada por Nelson Rodrigues. Na mídia da época, ainda o rádio, ouvia-se falar de um futebol encantador.” (BESSA, 2018, p. 99)

De fato, a conquista da Copa de 1958 mudou os rumos da nação brasileira, não só no futebol. A seleção começou a ser convidada para grandes amistosos e excursões pela Europa, e assim o Brasil começou a ganhar representatividade mundial.

Ao carimbar o bicampeonato em 62, o Brasil, de vez, firmou seu nome na história do futebol, e, como já foi dito, o título ajudou em outros aspectos do Brasil, trazendo uma onda de confiança para diversos segmentos.

O Brasil, politicamente, vivia tempos de dificuldades, com um presidente pedindo renúncia, e o futebol era uma forma de mostrar um país vitorioso e com prestígio no mundo. Pois devido ao título de 1958, a Seleção desfrutava de uma posição de destaque, com reconhecimento, prestígio e honra internacional. (BESSA, 2018, p. 99)

O “Jornal Última Hora” trouxe como destaque a festa do segundo título mundial da seleção. Mas, já dava para notar uma certa crítica do editor aos problemas que o país enfrentava a época. Mesmo não deixando a comemoração e a euforia de lado, o jornal traz, na parte superior da capa, os dizeres “Mesmo sem arroz e feijão, o Brasil é campeão.” Segundo o jornal, era um cântico proferido por brasileiros na comemoração do título mundial.

4. JORNALISMO INDEPENDENTE NA COPA DO MUNDO DA RÚSSIA

Lima (2013), diz que a trajetória do jornalismo independente não é algo que começa de hoje, mas, segundo ele, no Brasil, esse tipo de jornalismo surgiu ainda no século XIX, juntamente com a imprensa brasileira. Ele salienta que esse tipo de jornalismo é produzido sem veiculação econômica ou editorial a grandes grupos empresariais.

Mas, mesmo tendo surgido há dois séculos, não se pode deixar de lado a importância do advento da tecnologia no contexto atual do jornalismo independente. A internet é peça primordial na construção deste tipo de jornalismo.

De lá para cá, foram muitas as mudanças. Nas últimas décadas, o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) vem transformando as práticas jornalísticas convencionais, desde a linguagem até as possibilidades de participação dos diversos públicos. Pode-se dizer que, tal como o jornalismo

tradicional, o jornalismo independente de hoje também está em transição. A partir da Internet, especificamente por meio das redes sociais, decerto se torna mais simples fazer um trabalho jornalístico não-convencional, desde a produção até a circulação e o alcance. (REIS, 2017, p. 194)

Os jornalistas Pedro Canísio e Michele Wadja, ambos formados em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba, resolveram cobrir a Copa do Mundo da Rússia de uma maneira diferente da tradicional. Eles embarcaram sozinhos, portando apenas alguns celulares e notebooks, para realizarem a cobertura do Mundial de maneira independente. Sendo assim, jornalistas independentes na Rússia.

As mídias independentes se propõem a destacar enquadramentos diferenciados dos que estampam os grandes jornais ou são exibidos nos noticiários televisivos. Com isso, buscam produzir informações desprendidas de interesses mercadológicos e apresentar outros ângulos dos fatos, em perspectivas que geralmente as grandes empresas não se interessam ou não atentam para abordar. Tendo em vista a abrangência que estas expressões midialivristas estão tomando nos últimos meses junto à sociedade, compreendemos que elas também têm relação com as mudanças estruturais dos meios de comunicação e a própria crise de identidade que atravessa o jornalismo. (ALMEIDA; EVANGELISTA, 2013, p. 4)

Antes da viagem, Pedro e Michele foram em algumas emissoras de rádio e TV do Nordeste na tentativa de fechar contratos. Eles planejavam enviar matérias da Rússia para as emissoras aqui no Brasil. Segundo Pedro, a tarefa não foi fácil, mas conseguiram fechar contrato com quatro emissoras de TV. As TV's Paraíba e Cabo Branco, afiliadas da Rede Globo na Paraíba, a TV Bahia, afiliada da Rede Globo na Bahia e a TV Cidade Verde, afiliada do SBT no estado do Piauí.

Foram dez matérias para as afiliadas paraibanas, quinze para a baiana e a tv piauiense, além das reportagens, também fechou um contrato com transmissões ao vivo feitas através do Facebook. Pedro falou que, graças a ótima internet russa, as transmissões eram perfeitas. Ficavam quinze minutos interruptos no ar sem problema algum. Nas emissoras da Paraíba, o quadro protagonizado por Pedro e Michele se chamava “Partiu Rússia”.

A proposta da dupla de jornalistas que chamou a atenção do público foi: regionalizar a Copa do Mundo da Rússia. Trazer às TV's, durante as reportagens especiais, personagens locais que estavam no Mundial. Paraibanos, baianos e piauienses. E deu certo.

Pedro e Michele fizeram o selfiejornalismo¹¹ na Rússia, que é quando o jornalista é tudo, repórter, pauteiro, produtor, cinegrafista, tudo isso usando apenas um celular. Todas as matérias que foram enviadas foram feitas por um celular.

Uma das características de ser jornalista independente em uma cobertura como a da Copa do Mundo é a liberdade para fazer o que bem entender. Pedro fala que as TV's que fecharam os pacotes confiavam inteiramente no seu trabalho e no de Michele, logo eles tinham liberdade para gravar o que quer que seja, caso seja interessante, evidentemente, para seu público alvo: paraibanos, baianos e piauienses.

Em muitas oportunidades os dois jornalistas saíam com uma pauta pronta, observavam nas ruas algo mais interessante e recriavam o foco, mudando completamente o que havia sido pensado anteriormente. Segundo Pedro Canísio, essa era uma das partes mais “bacanas” de ser um jornalista independente.

Esta transformação tecnológica foi de suma importância na saga de Pedro Canísio e Michele Wadja na Rússia, pois tudo que era feito pela dupla necessitava-se da internet e de um aparelho celular. Malini e Antoun (2013), dizem em seu livro *Internet e #Rua*, que qualquer pessoa com internet e um aparelho celular pode ter um blog e postar vídeo, imagens, tudo facilitado pelo avanço tecnológico. Pedro Canísio concorda, mas salienta que o que diferencia o repórter para os demais é o olhar técnico jornalístico.

Lorenzotti (2014) diz que os computadores de mesa acabaram ficando para trás, foram substituídos pelos celulares e suas câmeras. O autor classifica essa mudança como o novo jornalismo e diz que o celular, no século XXI, é uma arma.

Então era isso: não mais a pena, não mais as teclas das máquinas mecânicas, nem mesmo a dos computadores de mesa. São as teclas do celular e sua câmera as armas do novo jornalismo. E como disse Filipe Peçanha: “não é uma câmera, um repórter. É uma rede. (LORENZOTTI, 2014, p. 15)

Quem também aborda em sua obra a importância da internet na divulgação nas coberturas é Castells (2012), que chama esse movimento de uma revolução digital. O autor afirma que as redes da internet oferecem um espaço de autonomia. O jornalista independente, como disse Pedro Canísio, basicamente pode fazer o que “der na telha”, graças a essa autonomia.

Os jornalistas tinham um empecilho, não conseguiram acesso aos locais da FIFA, como os estádios. A partir disso, tiveram que reinventar. Mesmo sem acesso aos jogos,

¹¹ Pedro Canísio denominou assim a maneira de fazer jornalismo sozinho. Pautando-se, gravando, entrevistando e editando.

Pedro diz que eles tinham ao seu dispor o maior e mais importante ponto de concentração da Copa do Mundo: as ruas. Lorenzotti (2014), salienta que o maior mérito do jornalismo independente é ter se lançado às ruas. Foi isso que a dupla de jornalistas fez durante a competição.

Era na rua onde os mais diversificados povos se encontravam, onde as festas aconteciam, e onde eles conseguiam encontrar seus personagens nordestinos para suas matérias regionalizadas, que era o foco durante o Mundial.

4.1 Os números do Jornalismo Independente na Copa da Rússia

Pedro e Michele, como já foi dito, fecharam um acordo com emissoras de três estados da Região Nordeste. Durante a cobertura independente no Mundial, a dupla entrava vinte e seis vezes ao vivo por dia. Algumas *lives* chegaram a ter dezoito minutos, mas a maioria variava entre sete e doze minutos. As transmissões ao vivo eram feitas através do *Facebook*.

Para a TV Cidade Verde, afiliada do SBT no Piauí, foram setenta e oito boletins enviados durante a Copa do Mundo, com duração de um a cinco minutos, e vinte e seis reportagens, ou seja, cento e quatro conteúdos compartilhados, além das vinte e seis transmissões ao vivo realizadas pelo *Facebook*.

Já a TV Bahia, afiliada da Rede Globo no estado da Bahia, Pedro e Michele produziram quinze reportagens regionalizadas, onde focaram em personagens oriundos da Bahia que estavam acompanhando a Copa do Mundo. Dezesete conteúdos extras foram produzidos, totalizando trinta e dois conteúdos compartilhados.

Para as TV's Cabo Branco e Paraíba, dez reportagens regionalizadas com personagens paraibanos foram produzidas pela dupla, além de quinze conteúdos extras. Para as afiliadas da Rede Globo no estado da Paraíba foram compartilhados vinte e cinco conteúdos durante a Copa do Mundo.

Tabela 1: Números da cobertura de Pedro Canísio e Michele Wadja na Copa do Mundo da Rússia

Fonte: Pedro Canísio

Finalizando, Pedro falou sobre os investimentos que foram feitos. Ele disse que, nos 60 dias de viagem, foi feito um investimento de R\$ 40.000,00, que foram distribuídos

Emissoras	Ao Vivo	Reportagens	Conteúdos Extras	Conteúdo Total
TV Cabo Branco	0	10	15	25
TV Paraíba				
TV Bahia	0	15	17	32
TV Cidade Verde	26	26	78	130

em transporte, hospedagem e alimentação. O jornalista afirmou que o retorno foi de duas vezes a mais do que o valor investido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo em questão quis mostrar a importância da cobertura da imprensa esportiva nas Copas do Mundo, dando foco em sua parte final ao trabalho exercido pelos jornalistas independentes, que não são empregados de alguma empresa de comunicação, no Mundial.

Alguns teóricos foram usados na tentativa de mostrar o ponto de vista e a importância do jornalismo esportivo neste contexto. Coelho, Hobsbawm, Ribas, Gastaldo e entre outros. Coelho (2013), diz que logo no surgimento deste tipo de jornalismo no Brasil, existia um certo tipo de preconceito para com os profissionais da área em questão, e que se perpetua até a atualidade.

Após os meses de leitura e pesquisas, pode-se afirmar que, sem dúvida alguma, o futebol, esporte mais popular do Brasil e do Mundo, não seria o que é hoje sem o jornalismo esportivo. Também é notória, nos dias atuais, o quão importante é a tecnologia para os jornalistas independentes. Pode-se concluir que, além dos anos na faculdade, claro, um celular e um olhar jornalístico é quase o suficiente para ser um jornalista.

Através da análise feita nos últimos meses, percebemos que os jornalistas que não estão presos a uma redação possuem uma liberdade maior no momento da execução das pautas, tendo em vista que não possuem vínculos empregatícios com alguma empresa e, conseqüentemente, não existe a figura do chefe ou editor para barrar a ideia que surgiu no momento da produção da matéria. Outra conclusão que se pode ter é que os celulares mudaram o jeito de se fazer jornalismo, pois não é mais necessário uma câmera gigante para as filmagens e um ótimo computador para as edições, tudo pode ser feito em um *smartphone*. Também observamos que uma boa internet é de suma importância nesta evolução jornalística, pois com ela é possível gravar algo do outro lado do Mundo e

mandar em questão de segundos para quem quer que seja, além, claro, das transmissões ao vivo.

Logo, é possível concluir também que o jornalismo, não só o esportivo ou o independente, mudou. A internet tem importância fundamental nesta mudança, Terminei este trabalho fazendo a pergunta que fiz ao jornalista Pedro Canísio, enquanto o entrevistava para este artigo, que ele não soube responder. Se, graças a internet a cobertura da Copa em 2018 mudou tanto, como será em 2022? Não sabemos.

THE INDEPENDENT PRODUCTION IN SPORTIVE JOURNALISM: AN ANALYSIS OF THE COVERAGE OF THE RUSSIAN WORLD CUP

ABSTRACT

This article has as main theme the journalism in the coverage of the FIFA World Cup Russia 2018, through the work of two journalists who went to the country independently. In addition, it presents a historical context of the companies of other forms of communication during the editions of the competition. The business also began to emerge in the early twentieth century. As if to confuse, the article succinctly brings history to Brazil, the most popular sport on the planet, football, but not forgetting the growth of other sports in the country, which was perceived as one of the ways to live in the 1980s.

Keywords: Independent Journalism. World Cup. Sports Journalism

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Thiago D'angelo Ribeiro; EVANGELISTA, Amanda Falcão. **Tecnologias móveis, mídias independentes e coberturas de mobilizações sociais urbanas: as influências do “midialivrisimo” na sociedade midiaticizada.** II Colóquio Semiótica das Mídias, Jarapatinga, p. 15, set. 2013. Disponível em: <http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_ThiagoDangeloAmandaFalcão.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.

BESSA, MARIA JACKELINE ROCHA. **Uma análise discursiva sobre o futebol brasileiro: mídia, história e identidade nacional.** 2018. 133 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2018. Disponível em: <http://www.uern.br/controladepaginas/Defendidas%20em%202018/arquivos/4696mari_a_jackeline_rocha_bessa.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.

BOTTONI, Bárbara Delavald. **Mídia Ninja e os Processos Produtivos: Jornalismo ou Ativismo?** 2014. 103 p. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Univates, Lajedo, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/684/1/2014BarbaraDelavaldBottoni.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRAZILIENSE, Correio. **Pelé 78 anos: Nelson Rodrigues e a primeira vez em que o aniversariante do dia foi chamado de Rei.** Disponível em: <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/dribledecorpo/pele-78-anos-nelson-rodrigues-primeira-vez-aniversariante-dia-chamado-rei-futebol/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

CARTACAPITAL. **Manifesto #Carta.** 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

CASTELS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 351 p.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo.** São Paulo: Contexto, 2013. 120 p.

DIAS, Kadu. **ESPN.** 2018. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com/search?q=espn>>. Acesso em: 17 set. 2018.

DIAS, Kadu. **SPORTV.** 2013. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/sportv-o-canal-campeo.html>> Acesso em: 17 de set. 2018.

FERNANDES, Cláudio. **História das Olimpíadas**. [201?]. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao-fisica/historia-das-olimpiadas.htm>>. Acesso em: 20 set. 2018.

GASTALDO, Édison. **A arquivancada eletrônica: questões sobre futebol, mídia e a sociabilidade no Brasil**. CAMPOS, Paraná, p. 113-123, fev. 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/4512>>. Acesso em: 21 set. 2018.

GLOBO, Memoria. **Copas do Mundo**. [201?]. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copas-do-mundo.htm>>. Acesso em: 22 set. 2018.

LIMA, Venicio A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: HARVEY, David (Org.). **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 89-94.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Jornalismo século XXI - O modelo #MídiaNINJA**. [S.l.]: E-galáxia, 2014. 125 p.

MAIOR, Carta. **Quem somos**. 2016. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/CartaMaior/Quem-Somos/14/>>. Acesso em: 11 de nov. 2018.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 640 p.

REIS, Mariana. **Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil**. Vozes & Diálogo, Itajaí, p. 1-12, jun. 2017. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/viewFile/9455/5791>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

RIBAS, Lycio Vellozo. **O livro de ouro das copas**. São Paulo: Faro Editorial, 2018. 288 p.

HELAL, Ronaldo; DO CABO, Alvaro (Org.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EduUERJ, 2014. 314 p.

SANTOS, Tales dos. **Jules Rimet e a primeira Copa do Mundo**. [201?]. Disponível em: <https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/jules-rimet-e-a-primeira-copa-do-mundo.htm>. Acesso em: 21 set. 2018.

UNIVERSO EF. **Origem dos Jogos Olímpicos**. 2013. Disponível em: http://esportes.universoef.com.br/container/gerenciador_de_arquivos/arquivos/67/origem-dos-jogos-olimpicos-uef.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

VALIA, Ednilson. **Há 56, o rei do futebol era coroado**. Disponível em: <https://terceirotempo.bol.uol.com.br/noticias/ha-56-anos-nascia-o-rei-do-futebol>. Acesso em: 25 out. 2018.

CANÍSIO, Pedro. **Pedrovsky na Rússia: do celular para a tela da TV**. Natal: Primeiro Lugar, 2018.